

ENTRE TESOUROS OCULTOS E ÓVNIS: A CHAPADA DOS VEADEIROS

POR MEIO DA LITERATURA REGIONAL

Pepita de Souza Afiune

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES /FAPEG. Mestra em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás. pepita_af@hotmail.com



Chapada dos Veadeiros;
Literatura regional;
Memória; Cultura sertaneja.

Resumo: Dois nomes da literatura regional goiana, moradores da Chapada dos Veadeiros, representam o que a cultura sertaneja possui de mais rico e peculiar: a permanência de uma vida simples, ligada à natureza, como uma resistência às incursões da modernidade. Em diferentes momentos, ambos os autores se viram frente à cultura chegada, que por sua vez, atribuiu novas experiências e significados para esta região, transformando-a em uma paisagem híbrida. Seu Domingos e Geraldina Lombardi, em suas bucólicas fantasias, nos levam a refletir sobre a importância da narrativa para a memória dos povos tradicionais frente a um novo período marcado pela turbulência turística.

Between hidden treasures and ufos: The Chapada dos Veadeiros through regional literature

Chapada dos Veadeiros; Regional literature; Memory; Country culture.

Abstract: Two names of the regional literature of Goiás, which characterize residents of Chapada dos Veadeiros, represent what the country's culture has as rich and peculiar as the permanence of a simple life, linked to nature, as a resistance to the incursions of modernity. At different times, both authors found themselves faced with the outside culture, which in turn attributed new experiences and meanings to this region, transforming it a hybrid landscape. Mr Domingos and Geraldina Lombardi, in their bucolic fantasies, lead us to reflect on the importance of the narrative to the memory of the traditional people in front of a new period marked by the tourist turbulence



Envio: 01/09/2018 ◆ Aceite: 25/09/2018

Introdução

A ocupação do território brasileiro originou uma série de mitos fundadores, suas terras livres suscitavam o imaginário europeu desde o ano de 1500. Esta terra tão abundante e fértil gerou um novo homem, tornando-se também a “terra prometida” a que os europeus tanto almejavam a partir de suas leituras bíblicas. Mas a sua riqueza atraiu a ambição, e após séculos de exploração, a modernidade devorou a vida simples no campo.

O desenvolvimento que evidentemente foi empreendido primeiramente no litoral se contrastou com o “atraso” das regiões interioranas. Apesar das tentativas de se integrar o sertão ao resto do país, e reconhecer o saber sertanejo, o local e a sua cultura permaneceram até a primeira metade do século XX, nos relatos eurocêtricos dos seus intrusos.

É na cultura sertaneja que encontramos uma radiografia das sociedades em suas diferentes épocas. Apesar de estar recheada de imaginação, suas construções refletem o período histórico vivido pelos sujeitos. Suas narrativas contadas de geração em geração passaram a ser a forma de construir a sua própria noção de temporalidade e perpetuar sua cultura.

Albuquerque Junior (2007) nos atenta que estes exemplos são registros da memória, que é formada por múltiplas experiências a nível individual ou coletivo. A memória é um campo discursivo que procura recompor o passado de forma mágica e subjetiva.

É partir desse ponto que nossa proposta de diálogo se faz presente, através da investigação de um conto e uma poesia presentes na literatura regional que representam a sobrevivência de sua cultura através do tempo. Aqui recortamos a região da Chapada dos Veadeiros¹ como nossa ambientação. Essa região é portadora de uma natureza e de uma cultura ameaçadas pelos avanços da modernidade.

A Chapada dos Veadeiros foi atração de diversos fluxos exploratórios e migratórios a partir do século XVI. Através de sua exploração agropecuária e mineradora no século XVIII, os conflitos entre os nativos e os colonizadores resultaram no desaparecimento da cultura

¹ Atualmente, a Chapada dos Veadeiros abrange os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, São João D’Aliança, Campos Belos, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma e Teresina de Goiás.

dos primeiros. Os quilombolas por sua vez representam as tentativas de resistência a essa dominação.

A primeira obra escolhida para análise é um conto de Domingos Soares de Farias intitulado *Enterros de ouro*, presente em sua coletânea de contos *Minhas Aventuras na Chapada dos Veadeiros* (2009), que representa uma forte marca das culturas tradicionais no Distrito de São Jorge. O Distrito surgiu em função da exploração do cristal de quartzo, e após as minas serem exauridas (lembrando que seu ciclo minerador ocorreu somente em 1912) e haver o declínio na demanda na segunda metade do século XX, seus trabalhadores ficaram sem opções de obter sustento. Procuraram na agricultura de subsistência e o extrativismo de plantas e frutos do Cerrado a sua sobrevivência. “Mais tarde com o desenvolvimento do ecoturismo, a região volta a prosperar, trazendo novas alternativas de sobrevivência para os moradores de São Jorge” (VALLE, 2001, p. 43). Muitos destes antigos garimpeiros, por serem exímios conhecedores da natureza da região, se tornaram guias turísticos.

O segundo gênero escolhido para análise é uma poesia de autoria de Geraldina Lombardi, professora de literatura, escritora e participante de festivais de poesia em várias partes do país. Sua obra *Altas Histórias do Paraíso* (2009) é uma riqueza da literatura regional, composta integralmente por poesias que foram geradas primeiramente por brincadeira e pelo amor que a autora tem por contar histórias. Geraldina procura refletir sobre as mudanças ocorridas no município após o boom turístico e esotérico que se iniciou na década de 80 e se intensificou nos anos 2000 quando pessoas de várias partes do Brasil e do mundo migraram para a região em vista das lendas a respeito do fim do mundo.

Enterros de ouro



Capa do livro *Minhas Aventuras na Chapada dos Veadeiros* (2009)

Fonte: Autoria própria (2015).

A obra de Domingos Soares de Faria foi possibilitada pela iniciativa do 9º Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que acontece anualmente no Distrito de São Jorge. A obra reúne vários contos, que dizem o autor, algumas serem verdades, outras mentiras e brincadeiras, resultando na materialização de um sonho de seu autor, escrever um livro.

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros² acontece desde o ano 2000, através da iniciativa da ONG Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, por sua vez,

² Atrações: caçada da rainha, catira, curradeira, sussa, congo, aldeia multiétnica com diversas etnias, congada, rodas de prosa, capoeira Angola; encontro de gastronomia; oficinas de circo, conservação

fundada em 1997. A ONG e o evento procuram promover um diálogo entre todas as culturas, transformando a região em um centro multicultural de preservação ambiental. Inicialmente procurava mobilizar as culturas tradicionais, mas acabou atraindo muito contingente turístico com o objetivo de ter contato e vivenciar as culturas quilombolas e as aldeias multiétnicas.

Não por acaso o Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros nasce, cresce e se institucionaliza nos últimos doze anos, como parte da carga simbólica de um lugar muito especial sobre vários aspectos. Parque nacional, patrimônio natural da humanidade, reserva da biosfera, lugar onde ainda pulsam os últimos avá-canoeiro e onde reside a vida kalunga. Povos únicos. Retratos de um Brasil tradicional e contemporâneo. [...] Ele é também produto de uma nova cultura, de uma cultura que surge da convivência de nativos com alternativos que para São Jorge se mudaram [...] (XI ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2011, p. 01).

Seu Domingos é um dos contadores de histórias mais conhecidos do Distrito de São Jorge, Alto Paraíso de Goiás. Nasceu em Paracatu (MG) e mudou para a Chapada dos Veadeiros aos 17 anos de idade, no ano de 1942, quando começou a criar histórias pessoais, anedotas, críticas e desejos relacionados a acontecimentos que ocorriam durante a sua vida. Seu Domingos conta que já foi de tudo nessa vida: “Tudo de doido eu já fiz” (p. 11), como lavrador, garimpeiro, carreador de carro de boi e amansador de cavalo bravo. Domingos teria garimpado muito cristal, o que lhe ajudou a se estabelecer na região. Seu Domingos é pai do artista Moacir que se destacou através da sua arte visual, sendo conhecido até mesmo internacionalmente, merecendo um artigo a parte.

Os relatos de Seu Domingos foram captados através de áudio-gravações, em quatro fitas cassetes, e a partir desta documentação, os relatos foram transcritos e editados, mas não sofreram correções ortográficas com o objetivo de manter os trejeitos sertanejos. Temos aqui o resgate de uma oralidade, que mesmo com as preocupações de se manter a sua originalidade, houve de certa forma, uma classificação e análise, trabalho esse que era somente feito por folcloristas e etnógrafos até a década de 50. Seu objetivo era resgatar as

de sementes, acessórios, danças, percussão, origami, xilogravura, cato, dança afro, identificação de ervas medicinais, dentre outros (XI Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros, 2011).

vozes perdidas, fazendo-as circular, traduzindo-as em novos códigos. Somente a partir da década de 50 que os historiadores começaram a admitir esse trabalho (Albuquerque Junior, 2007). A história oral ganhou importante espaço dentro da Nova História Cultural, principalmente durante a década de 90 no Brasil. A oralidade começou a fazer parte da conjuntura documental na qual o historiador poderia se debruçar, ao lado das biografias e das memórias. Assim, o historiador poderia compreender de que forma os indivíduos interpretam os acontecimentos, pois o seu depoimento pode auxiliar na construção da narrativa histórica.

Um dos principais debates da História Cultural é identificar o modo como em diferentes momentos e lugares, uma determinada realidade é concebida pelos sujeitos. É o estudo das representações que nos levam a entender essas diversas formas de percepções do real, não sendo de forma alguma neutras, pois “produzem estratégias e práticas sociais que possuem o objetivo de legitimar uma ideia” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Quando nós historiadores, nos deparamos com o mito, precisamos entendê-lo como uma forma de produção de conhecimento, já que é através dele que os sujeitos interpretam o seu passado. “Toda ficção produz conhecimento, diz verdades sobre a sociedade” (WHITE *apud* CHARTIER, 2011, p. 362).

A partir desse breve hiato para compreendermos a importância da oralidade e do resgate dos saberes dos indivíduos frente aos momentos históricos no qual eles estão inseridos, procedemos à análise da obra de Seu Domingos.

O Cerrado é o cenário mágico de suas estórias. Dentre elas, escolhemos uma que representa satisfatoriamente o imaginário sertanejo a respeito dos tesouros e da riqueza fácil, que habitava a imaginação dos aventureiros que se adentravam ao cerrado desde o século XVIII.

Enterros de ouro

Já ouviram falar do enterro de ouro? Meu pai tirou foi muito. É. Cê num te contei lá? É um potão assim, ele tirou cheio de conta de ouro e conto. Aqui embaixo em Santa Rosa. [...] Teve um enterro que a Maria sonhou, mas ninguém tira. A Maria que sonhou. Eu fui tirar a marca que ela falou: um pau lavrado assim, em cima lavrado pra cá, embaixo sem lavar e tirei, cavei. Dessa fundura assim mais, quase um metro de fundura, quando eu cheguei embaixo, quando deu numa terra assim meia como quer um carvão

preto, um moi de café, aí passei e dei na bosta de cavalo como que tava naquela hora... era o ouro! Virou bosta de cavalo, acabou, rê, rê. Virou na hora. Isso é terrível. O ouro encanta. O ouro encanta, vira mosca, vira bicho, vira qualquer coisa aí. Esse que eu fui tirar virou bosta de cavalo [...] (FARIAS, 2009, p. 59).

‘Enterro de ouro’ é um conto popular difundido em várias partes no Brasil, tendo variações regionalistas, e também similaridades com outras lendas, como a Alamoia, que desenterra tesouros escondidos nas grutas e conduz os homens para a sua armadilha (lembrando das sereias da Odisseia), mas este é um conto difundido nas regiões litorâneas. Contudo, foram nas regiões mineradoras que o ‘Enterro do ouro’ surgiu e demonstrou as suas variações, devido às antigas ideias de enriquecimento fácil proporcionados pelas descobertas de minas. Enterrar riquezas era uma prática muito comum realizada a partir desse período, devido às dificuldades de protegê-las. Mas, muitas estórias surgiram a partir deste fato. Pessoas relatavam ter sonhos que os indicavam a localização dos tesouros. Tesouros apareciam e desapareciam na mesma rapidez. Esse tesouro inimaginável poderia também ser joias e objetos de prata ou ouro. Também poderiam se tornar outro objeto, como podemos perceber no relato de Seu Domingos.

No caso dos tesouros enterrados por pessoas que já haviam falecido, o problema seria grande, já que seria assombrado pela alma penada. A pessoa que morre com esse tesouro enterrado precisa se libertar disso, e sua alma não descansará nunca. Ela poderá tentar esconder e impedir que seja encontrado, ou poderá tentar induzir quem ela quer que o encontre. Esses locais passam a ser locais assombrados, como nos lembra o Roteiro do Urbano.

O conto de Domingos Soares de Farias é exemplo de causos sertanejos que marcaram a identidade do folclore regional. Uma criação de alguém, em algum momento, e em algum lugar, que passou a ser reproduzido, de geração a geração, transformando-se em uma coletivização anônima (BRANDÃO, 1984, p. 34).

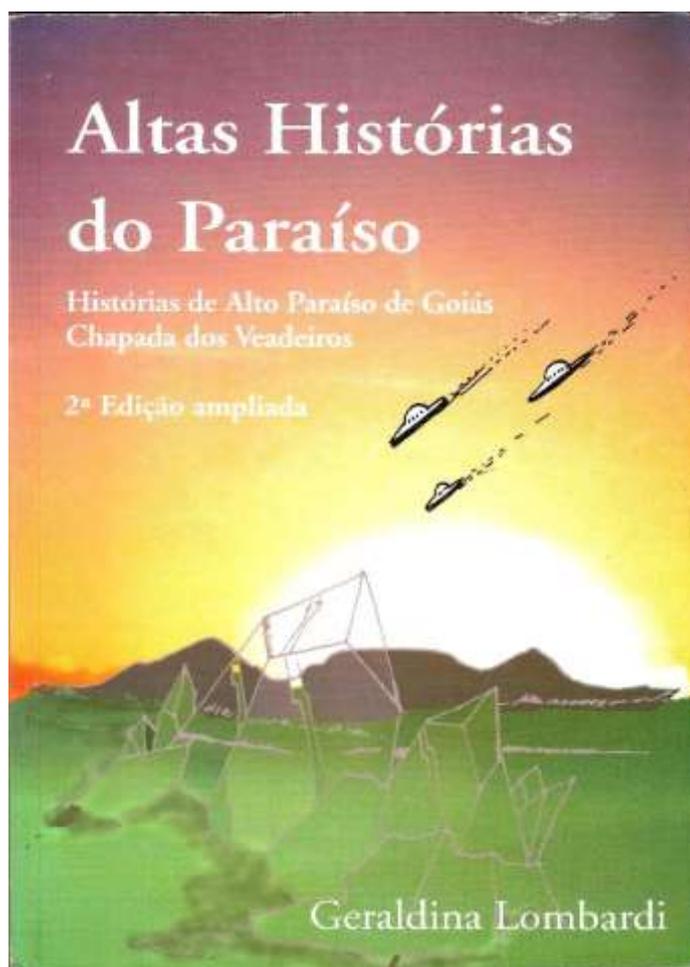
O folclore goiano teve entre seus primeiros pesquisadores Antônio Americano do Brasil em *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central* (1925) e José Aparecido Teixeira em *Folclore Goiano: cancionero, lendas, superstições* (1940), que surgiram em vista à ameaça

que essas culturas estavam sofrendo frente aos avanços da modernidade (ALENCAR, 2011, p. 346).

Os estigmas de decadência e atraso de Goiás seriam propulsores dessas tentativas de afirmação do potencial da região, na tentativa de projetá-la no cenário nacional. A partir dos anos 70, o folclore também foi utilizado como arma estatal para atração turística (ALENCAR, 2011, p. 348).

Mesmo com a modernização se infiltrando cada vez mais no interior de Goiás, os moradores das zonas rurais acabaram trazendo para a urbe seus hábitos e costumes, criando uma “demanda saudosista das coisas ‘da roça’ ” (MOURA, 2015, p. 85).

O Apocalipse no Paraíso



Capa do livro *Altas Histórias do Paraíso* (2009)

Fonte: Autoria própria (2018).

A segunda obra escolhida para análise, de autoria da escritora Geraldina Lombardi, é uma poesia que reflete sobre a relação conturbada entre a região de Alto Paraíso com as culturas chegantes. Natural de Maringá, a autora em sua obra *Altas Histórias do Paraíso* (2009) reúne estórias que teriam ocorrido desde que ela deixou Curitiba (cidade em que viveu muitos anos) e foi ao encontro do “paraíso”, acreditando que o encontrou. Geraldina se aproxima de visitantes da cidade e começa a recitar suas poesias. Muitos se admiram. Geraldina acredita que a cidade era melhor nos tempos antigos, em que a simplicidade da população e a tranquilidade da região reinavam. É uma forma de nostalgia, um inconformismo com o “progresso” da região, com a chegada de tantas pessoas de várias partes do Brasil e do mundo.

Geraldina havia abandonado a cidade grande e procurou em Alto Paraíso a cura de sua depressão, e neste local ela afirma que recuperou o gosto pela vida. Morava em Curitiba (PR), cidade que deixou em 1988. À procura de maior qualidade de vida foi morar em Alto Paraíso, retratando em poesias o processo de transformação socioespacial e econômica que ocorreu na região.

Todos os fatos explicitados pela obra têm ambientação na cidade de Alto Paraíso de Goiás e o tempo no qual desenvolve-se as tramas recorta entre os anos de 1989 a 2009. Antes da chegada dos primeiros grupos esotéricos, Alto Paraíso era um povoado goiano que se engendrara a partir de grupos mineradores da região da Chapada dos Veadeiros. Geraldina descreve como era a cidade antes da chegada de vários grupos religiosos.

A partir dos anos oitenta a cidade começou a receber grande contingente turístico, o que também estimulou outros setores como a construção civil, comércio, mercado imobiliário, e o principal, o florescimento das terapias medicinais naturais. Na década de oitenta, vários grupos esotéricos espalhados pelo Brasil pregavam suas visões e sonhos a respeito de Alto Paraíso, que seria um lugar sagrado e ideal para se estabelecer. Uma nostalgia da pacata cidade que se transformou em bunker esotérico. O desenvolvimento da região também pode ser considerado a partir da construção de Brasília, que fica a 230 km de distância de Alto Paraíso, que atraiu grande contingente populacional. O Contexto histórico no qual se passa as tramas refere-se a esse período ainda não turbulento na cidade, quando era pacata, pequena e portadora de um modo de vida muito simples.

Efetuamos a escolha de uma poesia presente na obra de Geraldina intitulada “*O Apocalipse no Paraíso*” que possui uma narração em primeira pessoa, a partir de um personagem que se mostra um morador nativo da região, com uma linguagem simples e saudosista.

O Apocalipse no Paraíso (Geraldina Lombardi)
Nasci aqui no meu pequeno Paraíso.
Aqui cresci brincando, correndo, por todo cerrado
plantando, colhendo, criando meu gado
Mas hoje tanta gente chegou e tudo mudou!
Cachoeira virou parque e agora tudo se paga.
Para brotar capim novo, já não posso fazer queimada.
E esse povo todo que agora está aí
diz que vem uma nave tirá-lo daqui.
Será? Será, meu Deus,
que se essa nave vier e levar todo esse povo,
sabe-se lá, pra onde quiser,
meu Paraíso volta a ser aquele da minha infância,
tão cheio de graça, de fé, tão puro como era, tempos atrás,
Alto Paraíso de Goiás?

Podemos perceber que um morador da região conta sobre a chegada dos novos moradores ou turistas, ressaltando os grupos esotéricos que falam sobre discos voadores, fato presente no imaginário popular acerca da região da Chapada dos Veadeiros. De forma indireta a autora se coloca presente na poesia, à medida que seus sentimentos em relação à região e à toda a especificidade da natureza a envolveram de forma a sentir uma nostalgia dos tempos antigos e o desejo do retorno desses velhos tempos. A trama faz uma menção a esses grupos populacionais que chegaram na região com o intuito de buscar algo que a vida na cidade grande não lhes concedeu. Uma fuga dos grandes centros metropolitanos, no qual o homem busca um retorno à natureza. A trama também passa por acontecimentos reais fazendo referências a elementos ilusórios, imaginários ou fantasiosos, que é o caso dos discos voadores.

Aqui temos um imaginário goiano acerca da cidade representada como a terra prometida, configurando a importância do misticismo na região. A problemática colocada pela autora refere-se à crítica do que a cidade se tornou depois de se tornar uma cidade turística, dizendo que tudo que ali havia de antigo se alterou, se modificou. Ela não critica o

misticismo em si, até mesmo porque suas narrativas estão recheadas dele, mas ela critica o que esse turismo fez com a região, pois se colocou preço em tudo, à medida que agora a natureza tem preço, alcançar o sobrenatural e meditar também tem preço. A cidade se tornou um verdadeiro mercado místico que coisificou os sentimentos e as crenças, tornando-os objeto de compra. Atualmente a cidade é recheada de intelectuais da alta sociedade, o que tornou as diferenças sociais mais extremas.

Considerações Finais

Partimos do princípio de tomar a literatura como uma fonte de pesquisa que nos possibilita compreender determinado período histórico e determinada cultura. Esta fonte privilegiada representa os lugares de memória das culturas retratadas, bem como, a suas permanências seja a nível individual ou coletivo.

As obras escolhidas para análise representam uma cultura marcada por sua resistência aos processos de hibridização cultural, apesar dos processos históricos de colonização e modernização as quais foram submetidas. A primeira obra, de autoria de Seu Domingos, retrata um tanto da cultura sertaneja e as suas formas mágicas de enxergar a sua realidade, e a obra de Geraldina, por sua vez, retrata a visão nostálgica dos primeiros moradores de Alto Paraíso frente à chegada de uma cultura nova, portadora de uma nova forma mágica de se enxergar a região da Chapada dos Veadeiros. Ambas apesar de retratarem temas diferentes entre si, podemos destacar mais semelhanças, pois são retratos dos processos de migração que ocorreram para a região em vários períodos históricos.

O município de Alto Paraíso foi se modificando progressivamente, apresentando uma cultura híbrida que marca o diálogo entre as sabedorias tradicionais e esotéricas. Um exemplo desse diálogo é a Feira do produtor rural, um empreendimento das comunidades de produtores rurais do Distrito denominado Moinho. Nessa feira, os contingentes

segmentos sociais se encontram, e comercializam uma diversidade de produtos voltada também para o turismo que movimentou a economia da região.

Obviamente não ignoramos os problemas sociais ocorridos por causa desses processos de hibridização, porque nos adverte Peter Burke (2003, p. 101) que toda troca cultural pode ocorrer em detrimento de alguém. Nesses processos têm-se perdido raízes culturais locais, por isso há a urgente importância do resgate do saber nativo e as iniciativas para a sua permanência.

A escolha de dois distintos gêneros literários para a análise, se deu pelo fato de que a cultura da Chapada dos Veadeiros é de uma riqueza peculiar e miscelânea, sendo impossível apreendê-la em um artigo. Por isso, aproveitamos para recomendar outras obras que merecem a atenção: *O jipe cangaceiro na Chapada dos Veadeiros* (2005) de João Bosco Bezerra Bonfim; *Memórias e contos paralelos* (2000) de Nelson Curado; *Na Chapada dos Veadeiros, sorri* (2016) de Elida Oliveira; *O segredo do Paraíso* (2006) de Augusto de Franco.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. [Coleção História].

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. O folclore goiano chega ao disco: autenticidade, identidade e memória. In: *Dimensões*, vol. 26. UFES, 2011. p. 340 – 356. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/13696/5/Artigo%20-%20Maria%20Am%C3%A9lia%20Garcia%20de%20Alencar%20-%202011.pdf>. Acesso em 20 de março de 2018.

AMERICANO DO BRASIL. *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*. Goiânia: Ed. Oriente, 1973.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1984.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Revisão de Renato Deitos e Mateus Colombo Mendes. 3ª reimp. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. 2ª ed. Trad. Maria Manuela de Galhardo. Algés, Portugal: DIFEL S.A., 2002.

_____. A verdade entre a ficção e a história. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011. p. 347 – 370.

FARIAS, Domingos Soares de. *Minhas aventuras na Chapada dos Veadeiros*. Goiânia: Kelps, 2009.

LOMBARDI, Geraldina Vargas. *Altas Histórias do Paraíso: Histórias de Alto Paraíso de Goiás, Chapada dos Veadeiros*. 2ª edição ampl. Brasília: Gráfica e Editora Bandeirante Ltda, 2009.

MOURA, Arnaldo Salustiano de. *Dos dois lados da tela: cultura caipira, paisagem e ruralidade no cinema de Hugo Caiapônia (2005 – 2011)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, 2015. Disponível em: http://www.cdn.ueg.br/source/teccer/conteudoN/4829/DISSERTAO_ARNALDO.pdf. Acesso em 22 de março de 2018.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Folclore Goiano: cancionero, lendas superstições*. 2ª ed. Rev. e ampl. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

VALLE, Tânia Freitas. *Alto Paraíso, espaço místico e alternativo*. 1ª ed. Alto Paraíso de Goiás: Editora Agarth, 2001.

XI ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADAIROS. *Reinvenção da tradição da Chapada dos Veadeiros para além das fronteiras nacionais: Um encontro que propõe o diálogo entre todas as culturas*. Folder de divulgação do evento. São Jorge: Agência de notícias Cavaleiro de Jorge, 2011.

